



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

DONA ZITA: MEMÓRIAS E IDENTIDADE(S) DA “MÃE” DO BAIRRO NEGRO DAS PEDRINHAS

Flávio José dos Passos
(UESB)

RESUMO

O presente trabalho etnográfico aborda a construção da(s) identidade(s) e o pertencimento étnico-racial de Dona Zita, guardiã (mãe) de uma comunidade lúdico-litúrgica afro-brasileira, a partir de sua história oral de vida, especialmente, das suas memórias dos antigos carnavais de rua de Vitória da Conquista. Nas comunidades *litúrgicas* afro-brasileiras existe a necessidade da afirmação do pertencimento a uma “Arché”, na preservação da memória ancestral e na abertura às alianças possíveis. Comunidade na qual a identidade é tecida com a palavra da matriarca que, real e simbolicamente, dá a vida e, cujo poder feminino assegura a continuidade da existência e os valores sagrados do terreiro de umbanda. Comunidade negra que se apresenta numa postura ativa, reivindicatória de reconhecimento e de abertura para o outro.

PALAVRAS-CHAVE: História oral; Memória; Identidade.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho etnográfico aborda a construção da(s) identidade(s) e o pertencimento étnico-racial de Dona Zita, guardiã (mãe) de uma comunidade negra lúdico-litúrgica afro-brasileira do bairro das Pedrinhas, a partir de sua história de

* Especialização em educação, memória e cultura pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: br2_ebano@yahoo.com.br.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

vida e memórias dos carnavais de rua, promovidos em nome da “*responsabilidade*” e da festa que, “soleniza a passagem, comemora a memória (...), exagera e transgride o real” (BRANDÃO, 1989, p. 09).

Nosso primeiro compromisso é o de reconhecer Dona Zita e à sua comunidade, em suas identidades, na perspectiva de Charles Taylor, enquanto “formas distintas de viver no mundo” (ARAÚJO, 2008, p. 11), enquanto “sujeitos de estudo (...), com suas crenças, valores e significados”, (MINAYO, 1993, apud GONÇALVES e LISBOA, 1998, p. 02), guiando-nos por suas narrativas, memórias, interpretações e reelaborações da própria identidade.

Dentre as memórias dos protagonistas dos antigos carnavais de rua de Vitória da Conquista, com suas *memórias subterrâneas* (POLLAK, 1989, p. 5), ressalta-se “Dona Zita das Pedrinhas”. Relatos de um carnaval-folia-participação, expressão de suas tradições e fé⁵⁴⁹. Assim, dona Zita e comunidade das festas de caboclo, marcadamente organizadas e de forte densidade simbólica são personagens centrais desta pesquisa, interlocutores, sujeitos com o quais buscamos dialogar e conhecer, com suas memórias e ressignificações, sentimentos de pertencimento, enfim, detalhes e fragmentos de uma experiência conquistense.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Desde o final do século XIX aos ijexás dos anos 40 e blocos afros dos anos 70, a festa carnavalesca baiana sempre foi **principal canal de construção de identidades negras em diálogos com outras identidades** (RISÉRIO, 1981, p. 86). Em Vitória da

⁵⁴⁹Em uma entrevista, Dona Zita disse: “naquela época, a gente trabalhava o ano inteiro, sol a sol, pra juntar dinheiro e ir pra avenida (...) era uma alegria só (...) a gente fazia tudo aquilo pra ir pra avenida e mostrar que a gente era bonito”. Referindo-se ao bairro, ao terreiro de candomblé e ao povo negro-mestiço daquela realidade.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Conquista, a forte presença de batucadas, reizados, ternos e “sambas” no Alto Sertão da Ressaca do século XIX⁵⁵⁰, nos remete a identificar permanências e ressignificações nos cultos de matrizes indo-africanas na região, os quais, segundo Itamar Pereira Aguiar (1998), “são sincretizados com o Candomblé de Angola, o Catolicismo e o Espiritismo Kardecista (...) nas festas públicas dão destaque especial ao Caboclo Boiadeiro (...) podendo ser classificada como Umbandomblé, Candomblé de Caboclo e Catiço (AGUIAR, 1998, p. 04), sendo as religiões de matrizes africanas da região substrato cultural de muitas agremiações carnavalescas.

A partir da década de 50, os carnavais conquistenses passam a ser “tocados” e apresentados por agremiações carnavalescas organizadas em bairros de populações majoritariamente negra, sendo um dos principais o das Pedrinhas/Alto Maron. Contudo, tais comunidades, na luta pela preservação e ressignificação de suas tradições, sofreram processos de estigmatização e, mesmo, de explícita perseguição e demonização, até seu confinamento na recentemente extinta “Lavagem do Beco”.

Além deste aspecto, de se propor um canal de visibilização dos processos identitários locais, com suas dinâmicas de resistências e permanências culturais, esta pesquisa tem sua relevância, principalmente, por visibilizar as memórias de “Dona Zita das Pedrinhas”, uma mulher negra, mãe, tia, madrinha, avó, bisavó, liderança e moradora de um dos bairros mais pobres e estigmatizados da cidade. Memória e identidade de uma mulher guerreira, uma matriarca e guardiã de uma tradição, defensora de uma identidade étnica grupal, de um legado cotidianamente construído e preservado, com suas “africanidades estabelecidas nas relações sociais destes territórios negros urbanos” (RAMOS, CUNHA Jr. 2007, p. 189-192).

⁵⁵⁰Ver: NASCIMENTO, Washington Santos. **Maria Jacaré, Joaquim Curandeiro e o Samba na casa de Pedro Fumaça: Elementos do Universo Cultural da população Negra do Sertão Baiano (1850-1888)** In: Anais do VI Colóquio do Museu Pedagógico, Vitória da Conquista, 2006.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

O caminho da pesquisa etnográfica pela história oral, possibilita o aproximar das memórias das manifestações carnavalescas enquanto construções simbólicas significativas (cf. GEERTZ, 1978, p. 20), e, entender como as identidades locais são preservadas e/ou ressignificadas a partir de antigas e/ou novas relações e posicionamentos sócio-culturais.

REVISÃO DA LITERATURA E REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta pesquisa, nos remetemos também aos contextos sócio-político-culturais, pois, segundo Jacques Le Goff, “a biografia se aproxima da história total (...) num contexto de uma ampla e irreversível globalização das relações de mercado e de cultura, onde, o “local” e o “global” vivem uma tensão, podendo ver “produzir novas identificações ‘globais’ e novas identificações ‘locais’ (Hall, 2000, p. 78)”.

No Brasil, após séculos de dominação e violência física e simbólica, há um silêncio produzido e reafirmado, tanto com relação à memória de homens e mulheres que lutaram pela liberdade do povo negro, bem como, quanto à importância da cultura africana em nossa identidade nacional. Contudo, é neste mesmo processo de diáspora, que o negro, por meio de um sistema lúdico-litúrgico (re)cria sua autoimagem afirmativa, reinventando o próprio conceito de ser negro (GILROY, 2001, p. 162). Com forte legado das matrizes africanas bantu e nagô, elas preservaram suas tradições e suas festas, forjando novas identidades comunitárias, ora acolhidas, ora hostilizadas, ora cooptadas (MOREIRA et al, 2006, p. 71).

Não obstante o presente contexto de globalização, marcado pela a fluidez e instabilidade das verdades e das referências (HALL, 2001, p. 14), em que o indivíduo, mesmo inserido em uma comunidade referência, vive esta “possibilidade infundável



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

de experimentação de identidades” (BAUMAN, 2005, p. 90), a categoria de **identidade** ocupa lugar central neste trabalho.

Segundo Hall, identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas e a sistemas de representação. (HALL, 2005, p. 97). Identidade pertencimento ao “mundo vital” (SODRÉ, 1999, p. 47) e fruto de uma relação dialógica com o Outro, numa construção de sentido a partir de atributos históricos, sociais e culturais (MUNANGA, 2002, p. 11).

Identidade, numa perspectiva política, enquanto definição e constituição de fronteiras pois, ao calcular como o pertencimento ao grupo pode ser transformado em estilos mais ativos de solidariedade, “a identidade se torna uma questão de poder e autoridade” (GILROY, 2007, p. 124). Paradoxalmente, em tempos de globalização, vivemos a emergência de inúmeras identidades adormecidas ou silenciadas por processos de colonização e de identidade legitimadora (NASCIMENTO, 2003, p. 41). Identidades construídas, ancoradas, preservadas e fortalecidas, mais que na origem comum, no sentimento de pertencimento e na consciência de que sua identidade étnica contribui com a identidade étnica do grupo.

Num contexto de diáspora, identidade(s) enquanto respostas a uma imposição sistemática de uma identidade legitimadora eurocêntrica. Nesta perspectiva, identidade enquanto lugar de enfrentamentos, “construída de forma situacional e contrastiva, ou seja, resposta política a uma conjuntura, resposta articulada com as outras identidades em jogo, com as quais forma um sistema. É uma estratégia de diferenças” (CUNHA, 1985, p. 206).

Assim, “se a essência do racismo está na negação da humanidade do negro, o gesto de assumir e valorizar a identidade negra constitui diametralmente o seu oposto: a afirmação dessa humanidade” (NASCIMENTO, 2003, p. 54). Logo, um



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

conceito construído sociologicamente (FERREIRA: 2004; Larkin: 2003) que podemos dividir em: a identidade *legitimadora*; de *resistência* e a identidade de *projeto*, com os sujeitos, atores de transformação social. E, nesse processo, “a tomada de consciência nessa cultura de resistência leva à construção de identidades de resistência” (MUNANGA, 2002, p. 13).

Nas comunidades *litúrgicas* afro-brasileiras, há uma afirmação da singularidade, do dizer “eu sou o outro”; afirmação do pertencimento a uma “Arché”, (SODRÉ, 2000, p. 223). Espaço onde a identidade é tecida com a palavra da “Mãe”, cujo “poder feminino assegura a continuidade da existência e dos valores sagrados do terreiro” (IDEM, p. 215).

Espaços e papéis construídos pela força de mulheres negras, africanas e descendentes, que, na diáspora, desenvolveram, a partir de ressignificações de tradições africanas, uma forma própria de organização familiar em torno da *matrifocalidade* que, segundo Bernardo,

não foi só uma imposição da escravidão ou do pós-abolição – com a consequente marginalização do homem negro do mercado livre nas primeiras décadas do século XX, que lhe impossibilitava assumir a chefia familiar” (BERNARDO, 2003, p. 44).

Referindo-se às “Mães das Mães” das comunidades negras, a antropóloga Neusa M. M. Gusmão ressalta que:

A tradição negra africana no Brasil, presente em terreiros, comunidades de samba e outros, revela como é de suma importância a condição de algumas mulheres como Vovós e de outras como Tias que levam o significado e presença da linhagem feminina para além do campo religioso, das mães-de-santo e filhas-de-santo (....) diz também de uma herança reservada aos mais velhos e, no caso de mulheres, de um papel de *Mãe das Mães*, aquela que real e simbolicamente dá a vida (...) uma condição que fala de origem,



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

continuidade e, sobretudo, poder. Um poder que se exerce de modo plural e coletivo. (GUSMÃO, 2007, In: GONÇALVES DA SILVA, 2007, p. 155).

São suas comunidades lúdico-litúrgicas que se apresentam nas festas e nas ruas, exibem suas aparências, “traço marcante do paradigma africano” (SODRÉ, 2000, p. 213). E, ao irem para ruas, os blocos e afoxés eram canais de resistência identitária ao: a) defenderem seus territórios, corporeidade e estética; b) afirmarem sua *memória histórica e a permanência de seus valores simbólicos*; c) serem *mobilizadores de símbolos*. E, d) “afirmarem a identidade autônoma da população dominada” (NASCIMENTO, 2003. p. 43).

A segunda categoria fundamental é a de **memória**. As memórias de mulheres negras e suas vivências e particularidades na preservação da suas comunidades, através da oralidade dos *griots* (VANSINA, 1982), elemento fundamental de resistência cultural. A comunidade litúrgica de um terreiro de candomblé de caboclo num bairro periférico de uma cidade de porte médio do interior do sertão baiano remete-nos a uma categoria cara que são os “*lugares da memória*” enquanto “lugares de memórias distintas, particulares, produzidas por instituições ou grupos sociais diferentes e que podem utilizá-las como meio de ação e conflito” (GUARINELLO, 1994: 187 *apud* ARRUDA, 2000, p. 54).

Na perspectiva de Maurice Halbwachs, a memória é a história viva e vivida por um grupo social e permanece no tempo, renovando-se (HALBWACHS, 1990, p. 66). E, ainda que sejam indivíduos que lembrem ou esquecem, os estímulos para a motivação são coletivos ao se costurar teias sociais, teias de significado. Tais questões são melhor compreendidas ao se levar em conta “memória coletiva, mito, etnicidade e gênero, uma vez que há uma profunda relação entre eles” (BERNARDO, 2003, p. 16).



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Ao reconstruirmos acontecimentos passados, construímos a nossa própria identidade e do grupo em que estamos inseridos, pois, “ao definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais” (POLLACK, 1989, p. 03). Esta memória entendida enquanto

elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto *individual* como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLACK, 1992, p. 08).

E tais memórias dos carnavais, com as suas narrativas e descrições, e da própria africanidade reinventada no cotidiano da família e da comunidade, são a base metodológica para chegarmos à história de vida de Dona Zita das Pedrinhas, “encadeando experiências femininas, memória e gênero” (KOFES e PISCITELLI, 1997, p. 352).

UMA APROXIMAÇÃO DAS MEMÓRIAS E IDENTIDADES

Neste trabalho etnográfico, são os próprios sujeitos do carnaval e da memória desse carnaval, especialmente, “Dona Zita das Pedrinhas” e sua comunidade “lúdico-litúrgico afro-brasileira”, que se constituem o “campo-sujeito-objeto, os próprios analistas sociais, sujeitos capazes de compreender, de refletir e de agir fundamentalmente nessa compreensão e ação” (THOMPSON, 1995, p. 359).

O aproximar-se da história de vida de Dona Zita das Pedrinhas e da comunidade das Pedrinhas é passo “fundamental para a compreensão dos atores a partir de seus próprios pontos de vista e para a compreensão de processos sociais



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

mais amplos que os indivíduos” (PISCITELLI, 1992, 154). E trabalhar com a história de vida, a partir das narrativas de sua história oral de vida, especialmente da memória dos carnavais, é estratégico por permitir uma maior aproximação dos elementos constitutivos da construção da sua identidade, tais como, as lembranças afetivas de seus ancestrais, os saberes tradicionais herdados e legados, as relações sociais, os conflitos, respostas e superações, o trabalho de doméstica, a organização do cotidiano, suas escolhas, seus amores, enfim, sua trajetória de vida, com suas estratégias de afirmação enquanto mulher, negra, “mãe”, moradora “das Pedrinhas”.

Em termos metodológicos, a busca interpretativa da memória dos carnavais de rua e seus significados enquanto representações simbólicas e construção identitária é alcançada através da abordagem da “*Descrição Densa*”. Segundo Geertz, o etnógrafo depara-se com

Uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e enérgicas; e quem lê tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. E isso é verdade em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro: entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de propriedade, fazer o censo doméstico... escrever seu diário (GEERTZ, 1978, p. 15).

Assim, aproximar-se antropologicamente da cultura do Outro, implica, “situar-nos” numa perspectiva de diálogo, de conversa, de proximidade, no intuito de observar, descrever e analisar densamente esses *sistemas entrelaçados de signos*, ao mesmo tempo em que não é desconsiderada a relação permanente e recíproca entre biografia e contexto, as relações de poder, os processos de marginalização e de resistência, o papel do grupo enquanto referência para os indivíduos que o compõem e as representações e formas de solidariedade.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Outra abordagem metodológica complementar é a **hermenêutica da história oral**, de Paul Thompson (1992). Em um processo de diálogo real com os entrevistados, com suas histórias de vida e relatos de lideranças culturais e religiosas, através de entrevistas semi-estruturadas e individuais e coletivas. A **história oral** é fundamental nesta pesquisa, uma vez que ela permite um novo olhar sobre uma realidade que já se pensava conhecida, uma vez que “ela possibilita vir à tona idéias, conceitos, discursos já esquecidos e aparentemente desprezíveis, para, a partir desses fragmentos, compreender as epistemes antigas e mesmo talvez o nosso presente e como esses saberes apareciam e se transformavam” (VEIGA-NETO, 1995, 19-21).

Por fim, há de se considerar que “o sujeito e o objeto da biografia têm, de certa forma, o mesmo interesse em aceitar o postulado do sentido da existência narrada” (BOURDIEU, 2005, In: FERREIRA e AMADO, 2005, p. 184), não na perspectiva finalista, mas na compreensão de uma construção de sentido, onde o entrevistado, ao recuperar, seleciona, e “costura” relações inteligíveis dos acontecimentos significativos, tornando-se o “ideólogo da própria vida”.

O principal meio de obter as narrativas e relatos orais sobre a memória dos carnavais são as entrevistas individuais, na maioria das vezes, semi-estruturadas e, quando oportuno, de forma mais informal. Em sua maior parte, entrevistas com Dona Zita, em sua casa ou onde ela achar melhor. Mas também, com outras pessoas do bairro Pedrinhas que participaram dos carnavais promovidos por Dona Zita, pessoas mais novas que apenas ouviram falar dos carnavais e as pessoas mais envolvidas com o terreiro de umbandomblé da casa de Dona Zita.

Importante também é a coleta de dados e análise de objetos significativos como fotografias, reportagens, músicas, vídeos e elementos que remetam à participação de Dona Zita e da comunidade negra no carnaval conquistense, além de



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

visita aos entrevistados, à dona Zita, e, principalmente, às festas de caboclo que, periodicamente ocorrem no barracão.

O segundo momento é a sistematização desse esforço interpretativo hermenêutico das próprias narrativas, na análise do discurso, levando-se em conta as categorias de memória coletiva, etnicidade, raça e gênero. Análise das interpretações primeiras de sua memória e identidade, e, também, o próprio ato interpretativo antropológico, o processo de transformação do texto, além da confrontação com entrevistas com testemunhos oculares dos eventos narrados, com pessoas da comunidade lúdico-litúrgica de Dona Zita, além das fontes documentais sobre a presença da cultura afro-brasileira na região.

Acredito que tal percurso possibilita-nos um outro olhar para a história cultural de Vitória da Conquista e região, e, principalmente, a viabilização de políticas de promoção do desenvolvimento sócio-cultural de comunidades negras a partir da compreensão e do reconhecimento dos processos identitários formados intergeracionalmente nesses espaços, valorizando suas potencialidades seu autoconhecimento e consciência histórica.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Itamar Pereira de. **Religiões Afro-brasileiras em Vitória da Conquista**. VII Jornada sobre Alternativas Religiosas na América Latina, 1998. Disponível em www.fflch.usp.br/sociologia/posgraduacao/jornadas/papers/st03-7.doc.
- ARRUDA. G. **Cidades e sertões: entre a história e a memória**. Bauru-SP: Edusc, 2000.
- BÂ, HAMPATÉ A. **A tradição viva**. In: Ki-Zerbo J. **História Geral da África – Metodologia e Pré-História da África**. São Paulo: Ática: Paris: Unesco, 1982, pp. 181-218.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Jorge Zahar, 2005.
- BERNARDO, Teresinha. **Negras, Mulheres e Mães - Lembranças de Olga de Alaketu**. São Paulo: Pallas Editora, Educ, 2003.
- BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade - Lembrança de velhos**. 11ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral**. 7ª Edição. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 183-191.
- FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. **História Oral - Usos e Abusos da História Oral**. 7ª Ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2005.
- BRANDAO, Carlos Rodrigues. **A Cultura Na Rua**. Campinas: Papirus, 1989.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Caminhos da Identidade: Ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo**. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Paralelo 15, 2006.
- CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estudos avançados. Vol.5 Nº 11, São Paulo: Jan./Abr. 1991.
- CUCHE, Denis. **A noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. **Negros estrangeiros. Os escravos libertos e sua volta à África**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.
- CUNHA Jr., Henrique, RAMOS, Maria Estela R. **Espaço Urbano e Afrodescendência**. Fortaleza: Edições UFC, 2007.
- FARIAS, Edson. **Economia e Cultura no circuito das festas populares brasileiras**. Brasília: Sociedade e Estado, 2005.
- FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afrodescendente - Identidade em construção**. São Paulo: EDUC., Rio de Janeiro: Pallas, 2004.
- FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. **História Oral - Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: 7ª Ed. Editora Fundação Getúlio Vargas, 2005.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. RJ: Editora Zahar, 1978.
- _____ **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**. São Paulo: Ed 34, 2001.
- _____ **Entre Campos: nações, cultura e o fascínio da raça**. São Paulo: Annablume, 2007.
- GONÇALVES DA SILVA, Vagner (Org.). **Imaginário, Cotidiano e Poder**. São Paulo: Selo Negro, 2007.
- GONÇALVES, Rita de Cássia e LISBOA, Teresa Kleba. **Trajetórias de Vida: Visibilizando e Reconstruindo a História das Mulheres**. In: Fazendo Gênero. Florianópolis, Ed. 7, 1998, p. 02.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Vertice. 1990.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

-
- HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora. Identidade e Mediações Culturais** – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- KOFES, Suely e PISCITELLI, Adriana. **Memória de “histórias femininas – Memórias e Experiências”**. In: **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 8, pp. 343-354, 1997.
- KUPPER, Adam. **Cultura - A visão dos antropólogos**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1996.
- LE MOS, Rosalvo. **As batucadas em Vitória da Conquista: identidades culturais, ritmos e representações**. Dissertação de Mestrado, PPGMS/UFRJ, 2001.
- MARTINS, Robson L. M. **As lembranças de D. Virgínia: história, memória e representação**. Primeiros Escritos, n. 11. LABHOI/UFF, Mar. 2003.
- Disponível:
http://www.historia.uff.br/labhoi/modules/rmdp/uploads/Sep06jDcdlNZE_pe11-1.pdf
- MEDEIROS, Márcia Maria de. & ZIMMERMANN, Tânia Regina. Biografia e Gênero: repensando o feminino. **Revista de História Regional**, vol 9(1), Ponta Grossa, PR, 2004.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade**. 4. ed. São Paulo: Vozes, 1994.
- MOREIRA, Carlos Eduardo (et al). **Cidades Negras: africanos, crioulos e espaços urbanos no Brasil escravista do século XIX**. São Paulo: Alameda, 2006.
- MUNANGA, Kabengele. **A Identidade Negra no Contexto da Globalização**. In: **Revista Ethnos Brasil**, no I, nº 01, Março de 2002.
- NASCIMENTO, Elisa L. **O sortilégio da cor**. Identidade, raça e gênero no Brasil. São Paulo: Summus, 2003.
- NASCIMENTO, Washington Santos. **Maria Jacaré, Joaquim Curandeiro e o Samba na casa de Pedro Fumaça: Elementos do Universo Cultural da população Negra do Sertão Baiano (1850-1888)** In: **Anais do VI Colóquio do Museu Pedagógico, Vitória da Conquista, BA, 2006**.
- ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1994.
- PISCITELLI, Adriana G. **Tradição Oral, memória e gênero: um comentário metodológico**. In: **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 1, p. 149-173, 1993.
- POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. **Revista Estudos Históricas**. São Paulo: 1992/1.
- POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio** – **Revista Estudos Históricas**. São Paulo: 1989/1.
- POUTIGNAT, Philippe & STREIFF, Joselyne. **Teorias da Etnicidade – seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth** – São Paulo: FEU, 1998.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

- RISÉRIO, Antônio. **Carnaval Ijexá**. Salvador: Corrupio, 1981.
- SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e Diferença – A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida – Por um conceito de cultura no Brasil**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.
- SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros. Identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna – Teoria Social Crítica na era dos meios de comunicação de massa** – Petrópolis: Vozes, 1995.
- THOMPSON, Paul. **História Oral – A Voz do Passado**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1992.
- VANSINA, Jan. **A tradição oral e sua metodologia**. In: Ki-Zerbo J. **História Geral da África – Metodologia e Pré-História da África**. SP: Ática, 1982, pp. 181-218.